

AValiação DA SAÚDE FÍSICA E MENTAL DOS TRABALHADORES DO CENTRO CIRÚRGICO EM TEMPOS PÓS-PANDÊMICOS

Thayla Milene Veiga da Silva¹; Síntique Sara Silva Santos²; Fábio de Souza Terra³;
Gisele Acerra Biondo Pietrafesa⁴; Murilo César do Nascimento⁵; Vânia Regina Bressan⁶;
Andreia Cristina Barbosa Costa⁷

RESUMO

Objetivo: Avaliar a saúde física e mental de 47 trabalhadores atuantes em um centro cirúrgico no contexto pós-pandêmico da COVID-19, considerando variáveis sociodemográficas e possíveis associações. **Metodologia:** Estudo descritivo, analítico, transversal e quantitativo, com aplicação de questionários sociodemográficos, Nórdico de Sintomas Osteomusculares e DASS-21. **Resultados:** Predomínio de técnicos de enfermagem (51%) e mulheres (80,4%); 55% praticam atividade física e 51,1% consomem álcool semanalmente. Queixas frequentes incluíram alterações no sono (54,3%), esquecimento (69,6%) e dor de cabeça (55,3%). Dores osteomusculares afetaram costas, punhos, mãos e joelhos. Identificou-se prevalência de depressão (19%), estresse (27,7%) e ansiedade (31,8%). **Considerações Finais:** Fatores físicos e mentais se inter-relacionam entre os participantes, houve associação entre idade, tempo de serviço e carga horária com dores osteomusculares, e entre conflitos familiares com sintomas depressivos e estresse. Conclusão: Os achados evidenciam a necessidade de estratégias institucionais de prevenção e promoção da saúde física e mental dos trabalhadores do centro cirúrgico.

Palavras-chave: Bloco Cirúrgico; Saúde do Trabalhador; Trabalhador da Saúde.

ABSTRACT

Objective: To assess the physical and mental health of 47 workers in a surgical center in the post-pandemic context of COVID-19, considering sociodemographic variables and possible associations. **Methodology:** A descriptive, analytical, cross-sectional, and quantitative study using sociodemographic questionnaires, the Nordic Musculoskeletal Questionnaire, and the DASS-21 scale. **Results:** The majority were nursing technicians (51%) and women (80.4%); 55% engaged in physical activity, and 51.1% reported weekly alcohol consumption. Common complaints included sleep disturbances (54.3%), forgetfulness (69.6%), and headaches (55.3%). Musculoskeletal pain affected the back, wrists, hands, and knees. The prevalence of depression was 19%, stress 27.7%, and anxiety 31.8%. **Final considerations:** Physical and mental factors were interrelated among participants. Age, length of service, and working hours were associated with musculoskeletal pain, while family conflicts were linked to depressive symptoms and stress. The findings highlight the need for institutional strategies aimed at preventing and promoting the physical and mental health of surgical center workers.

Keywords: Surgical Block; Occupational Health; Healthcare Worker.

¹ Enfermeira. Graduada pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, MG, Brasil. E-mail: enf.thaylaveiga@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5105-1670>

² Enfermeira. Graduada pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, MG, Brasil. E-mail: sintiquesara@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2820-5118>

³ Enfermeiro. Doutor em Ciências. Professor da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, MG, Brasil. E-mail: fabio.terra@unifal-mg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8322-3039>

⁴ Enfermeira. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, MG, Brasil. E-mail: gi_biondo@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3923-1581>

⁵ Enfermeiro. Doutor em Ciências. Professor da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, MG, Brasil. E-mail: murilo.nascimento@unifal-mg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3436-2654>

⁶ Enfermeira. Doutora em Ciências. Professora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, MG, Brasil. E-mail: vania.bressan@unifal-mg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2227-2755>

⁷ Enfermeira. Doutora em Ciências. Professora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, MG, Brasil. E-mail: andreia.barbosa@unifal-mg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3484-9638>

1. INTRODUÇÃO

Os profissionais de saúde que trabalham no Centro Cirúrgico (CC), precisam agir com muita habilidade e competência em situações rotineiras da unidade, sendo elas de emergência ou eletivas (Madrid; Glanzner, 2021). Além disso, muitas vezes têm que lidar com a falta de equipamentos e materiais necessários, além de recursos humanos insuficientes à assistência de saúde de qualidade. Dessa maneira, observa-se um setor altamente dinâmico, imprevisível, imediatista e extremamente exigente com seus colaboradores, dificultando o planejamento das atividades em geral, gerando uma sobrecarga de trabalho e estresse. Outrossim, quem trabalha nesse setor lida, diariamente, com riscos de caráter biológico, químico, físico, ergonômico e psicossocial (Chiavone et al., 2018; Madrid; Glanzner, 2021).

O risco ergonômico dos trabalhadores do CC é um problema crítico, pois Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) geram absenteísmo, afastamentos e aumentam ainda mais o estresse e a sobrecarga de trabalho da equipe. Os distúrbios musculoesqueléticos podem causar sintomas como dor localizada, fadiga, perda funcional, dormência nas extremidades, desconforto físico ao final do dia, paralisia, parestesia e edema local. Assim, percebe-se que a postura inadequada para realizar as atividades laborais, o levantamento de peso sem técnica correta e os movimentos repetitivos têm ganhado destaque,

visto que afetam a qualidade de vida dos trabalhadores da área da saúde e sua produtividade (Schultz et al., 2021).

Somado a isso, tem-se o ambiente hospitalar, que já é um estressor devido à alta exigência para com seus colaboradores, além dos diversos riscos de exposição, como por exemplo, os agentes químicos, físicos, biológicos, que juntos podem afetar a saúde mental desses trabalhadores (Carvalho et al., 2018). O profissional deve lidar com situações relacionadas à assistência ao paciente e ainda com condições internas referentes à instituição, como a falta de autonomia, conflitos de interesses, desvalorização profissional e cobranças internas (Hoffmann, Glanzner, 2019; Silva; Gomes; Corgozinho, 2021). Dessa forma, o risco psicossocial entre esses trabalhadores, faz-se presente podendo afetar a saúde mental direta ou indiretamente. Exemplo disso é o aumento dos níveis de estresse, que podem gerar tensão, ansiedade, síndrome de *Burnout*, medo e depressão. Esse sofrimento psíquico também pode resultar em diminuição da produtividade e da qualidade no trabalho, aumento de acidentes, rotatividade de colaboradores e afastamentos (Hoffmann, Glanzner, 2019; Silva; Gomes; Corgozinho, 2021).

Contudo, eventos externos podem intensificar ainda mais a sobrecarga física e mental dos profissionais da saúde, em especial os que atuam em setores críticos. No final de

2019, a Organização Mundial de Saúde (OMS) foi alertada pelas autoridades chinesas sobre diversos casos de pneumonia associados a uma nova cepa do coronavírus na cidade de Wuhan, na China. A cepa em questão era o SARS-CoV-2, que tinha capacidade de transmissão de pessoa para pessoa, principalmente por meio de aerossóis e gotículas de saliva dispersos no ar (OPAS, 2021).

A unidade cirúrgica e seus trabalhadores diante desse novo cenário, somado aos riscos rotineiros do setor, também passaram a ter seu bem-estar físico e/ou mental afetados de alguma forma direta ou indiretamente (Gomes et al., 2021; Pretto et al., 2022). Pesquisas mostram que a exposição a pacientes com Covid-19 pode levar a fatores psíquicos que afetam a qualidade de sono, como distúrbios do sono, depressão, alteração nos níveis de ansiedade, estresse e impacto negativo na produtividade profissional (Bezerra et al., 2020).

Nesta perspectiva, este estudo justifica-se devido à necessidade de verificar a atual condição de saúde mental e física dos trabalhadores do CC no final da pandemia por COVID-19. Desse modo, o objetivo do estudo é avaliar a saúde física e mental de profissionais de saúde que atuam em um CC no contexto pós-pandêmico da COVID-19, por meio da identificação de variáveis sociodemográficas e das condições físicas e mentais, analisando ainda possíveis associações entre esses fatores.

2. MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa descritiva, analítica, transversal e de natureza quantitativa. O estudo foi realizado no Centro Cirúrgico de um Hospital Geral, localizado no interior do Estado de Minas Gerais. Esse CC conta com, aproximadamente, 54 trabalhadores, sendo eles: enfermeiros, técnicos de enfermagem, médicos cirurgiões, técnicos em farmácia, auxiliares de limpeza, secretário de ala e instrumentador. Em relação às equipes médicas, ressalta-se que algumas são mais atuantes do que outras devido à especialidade médica e à demanda do serviço, desse modo, a quantificação desses profissionais torna-se imprecisa.

Foram incluídos os trabalhadores de ambos os sexos, atuantes nas categorias supracitadas que estão há, pelo menos, os últimos dois anos atuando no CC em questão. Foram excluídos os trabalhadores que se recusaram a participar da pesquisa e que se encontravam em afastamentos por licenças médicas, atestados médicos ou férias no período de coleta de dados. Desse modo, 47 trabalhadores participaram desta pesquisa.

A coleta de dados foi realizada entre março e abril de 2023, por meio da aplicação de instrumentos autoaplicáveis, simples, com boas propriedades psicométricas e de domínio público. Foram utilizados três instrumentos, sendo um questionário de caracterização sociodemográfica e clínica, de autoria dos pesquisadores, e duas escalas, sendo uma para

avaliar sintomas de ansiedade, depressão, estresse, e outra para dores osteomusculares. O questionário de autoria própria contemplou: sexo, idade, estado civil, escolaridade, hábitos de vida, histórico de doenças, uso de medicamentos e/ou psicofármacos, se teve COVID-19, sequelas da COVID-19, carga horária semanal, afastamentos, sobrecarga de trabalho, presença de conflitos familiares, taquicardia, dor de cabeça, dor de estômago, dor no peito, náusea, tremores, fraqueza, aumento da transpiração, esquecimento, sentimentos de solidão, frustração e alteração do padrão de sono.

A Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (DASS-21) tem o objetivo de avaliar os estados emocionais de depressão, ansiedade e estresse do participante. É autoaplicável, tipo likert de quatro pontos, composta por três subescalas com sete itens cada, totalizando 21 (Vignola, Tucci, 2014).

O Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares (QNSO) é de domínio público e foi desenvolvido em 1987 e submetido a adaptação transcultural para uso no Brasil em 2003. É um instrumento padronizado para mensurar relatos de sintomas musculoesqueléticos, composto por 36 questões múltiplas e binárias sobre a frequência e localização de sintomas musculoesqueléticos, nas nove áreas anatômicas (três em membros superiores, três em membros inferiores e três ao longo do dorso) marcadas em uma ilustração do

corpo humano visto por trás, nos últimos 12 meses e nos sete dias que antecedem a coleta de dados (barros; Alexandre, 2003).

Referente à análise dos dados, foram tabulados em planilhas no programa Microsoft Office Excel® (2016). Posteriormente, foi utilizado para análise estatística descritiva e inferencial o software *Statistical Package for the Social Science* (SPSS) versão 20.0. Para avaliação da confiabilidade da escala DASS- 21, utilizou-se o Coeficiente *Alfa de Cronbach* com o intuito de avaliar a consistência interna e se os dados estão correlacionados uns aos outros, com resultado de 0,939. Os resultados do QNSO e da DASS-21 foram apresentados em forma de tabela, a partir do software *Microsoft Excel 2016*, constando os percentuais e frequências dos itens avaliados.

Para verificação da existência de associação entre as condições físicas e mentais com as variáveis independentes foram utilizados o teste *Exato de Fisher*, correlação de *Spearman* e regressão logística binária. Com a finalidade de facilitar a análise estatística dos dados e as comparações, algumas variáveis independentes foram reagrupadas. Esse reagrupamento foi feito, considerando-se a distribuição dos dados em cada categoria da variável original. Assim, para definir os testes estatísticos apropriados para todas essas análises, foi aplicado o teste de normalidade de *Shapiro-Wilk*. Por meio dos resultados, optou-se pela utilização de testes não paramétricos, já que os dados apresentaram uma

distribuição não normal.

Nesta análise utilizou-se o nível de significância de 5%, ou seja, os dados foram estatisticamente significantes para $P < 0,05$. Com a finalização das análises, os dados obtidos foram representados por meio de tabelas, constando valores absolutos e percentuais e aplicado a estatística inferencial.

Este estudo foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da instituição, parecer nº 5.934.617. Foram contempladas neste estudo as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Aos participantes da pesquisa foi solicitada concordância por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo-lhes garantido o anonimato e o direito de desistência em qualquer das etapas.

3. RESULTADOS

O presente estudo foi composto por 47 trabalhadores do CC, sendo 24 técnicos de enfermagem, 14 médicos, três enfermeiras, dois técnicos em farmácia, dois auxiliares de limpeza, uma secretária de ala e uma instrumentadora. Sendo, 80,4% mulheres e 19,6% homens, com idades entre 26 a 76 anos. Quanto ao estado civil, 52,2% não possuem companheiros e 55,6% possuem filhos. Apenas um participante não possui crença religiosa, um

participante não respondeu e 97,9% alega ter religião.

A maior parte dos trabalhadores possuem ensino superior e/ou pós-graduação (51,1%) e 83% atuam neste serviço em média há 7 anos. Observa-se que a carga horária semanal de 36 a 44 horas é a prevalente (74,5%), contudo, 25,5% extrapolam essa carga horária e 31,9% relatam ter mais de um emprego. A renda de 65,9% dos participantes é de um a três salários mínimos e 34,1% possuem renda acima de quatro salários mínimos.

Quanto aos hábitos de vida, observa-se que 55,3% dos participantes realizam alguma atividade física, 10,6% fumam e 51,1% fazem uso de bebida alcoólica ao menos uma vez por semana. Sobre a saúde física dos trabalhadores, 28,3% possuem alguma doença crônica, 42,6% realizam algum acompanhamento de saúde e 8,5% iniciaram acompanhamento com algum profissional da saúde durante a pandemia. O diagnóstico clínico mais comum durante a pandemia foi a ansiedade (12,8%) e apenas um participante iniciou tratamento medicamentoso nesse período.

Quando questionados quanto a sua saúde física, 21 participantes responderam “boa” (44,7%) e sobre a saúde mental 13 participantes consideram “regular” (28,9%). Apenas 19,1% tiveram afastamento médico durante a pandemia e 46,8% tiveram COVID-19 nesse período. Ao analisar como a pandemia influenciou na perspectiva profissional, foram observados que

noventa participantes (20,5%) relataram que esse período mudou a perspectiva profissional para pior. A sobrecarga de trabalho após o período crítico da COVID-19 também foi avaliada, apresentando 58,7% dos trabalhadores referindo não se sentirem sobrecarregados.

Para abordar de forma mais ampla a saúde física e mental após a pandemia por COVID-19, os participantes foram questionados sobre: alteração do padrão de sono, em que 25 trabalhadores relataram ter dificuldades para dormir (54,3%); quanto a presença de:

esquecimento (69,6%), fraqueza (37,8%), dor de cabeça (55,3%), dor no peito (28,3%), aumento da transpiração (30,4%), presença de náuseas (21,7%), dor de estômago (28,3%), episódios de diarreia (4,3%), conflito familiar (13%), sentimento de solidão (21,7%) e sentimento de frustração (23,9%).

A seguir, apresenta-se as tabelas com os percentuais das duas escalas utilizadas (QNSO e DASS-21) e as associações obtidas a partir do cruzamento entre as variáveis.

Tabela 1 – Distribuição dos trabalhadores do CC que referiram dor, formigamento ou dormência nos últimos 12 meses, impedimento de realizar as atividades laborais, busca por profissional de saúde por causa desse problema e dor nessa região nos últimos 7 dias. Alfenas, MG, Brasil, 2023 (n=47).

| | Nos últimos 12 meses | Impedimento das atividades laborais | Buscou algum profissional de saúde | Nos últimos 7 dias |
|----------------------------------|-----------------------------|--|---|---------------------------|
| Região anatômica | | | | |
| Pescoço | 26,1% | 13,0% | 15,2% | 19,6% |
| Ombro | 19,6% | 6,5% | 8,7% | 10,9% |
| Parte superior das costas | 32,6% | 15,2% | 13,0% | 21,7% |
| Cotovelos | 4,3% | 2,2% | ... | 4,3% |
| Punhos/Mãos | 32,6% | 4,3% | 10,9% | 10,9% |
| Parte inferior das costas | 30,4% | 13,0% | 8,7% | 17,4% |
| Quadril/Coxas | 19,6% | 8,7% | 15,2% | 17,4% |
| Joelhos | 32,6% | 8,7% | 8,7% | 21,7% |
| Tornozelos/Pés | 30,4% | 6,5% | 4,3% | 15,2% |

Fonte: Autores (2023)

A Tabela 1 evidencia que os punhos e mãos, e nos joelhos nos últimos 12 meses, sendo a região das costas a que mais colaboradores relataram dor nas costas, nos

causou impedimentos nas atividades de trabalho. Também foi notado que houve uma busca por atendimento médico principalmente para dor no pescoço e nas regiões do quadril/coxas. Nos

últimos 7 dias, a presença de dor nas costas e nos joelhos foi a mais comum, seguida de dor na parte inferior das costas e no quadril/coxas.

Tabela 2 – Porcentagem da Escala DASS-21 para níveis de depressão, estresse e ansiedade nos trabalhadores do CC. Alfenas, MG, Brasil, 2023 (n=47).

| Gravidade | Depressão | Estresse | Ansiedade |
|----------------------|-----------|----------|-----------|
| Normal/mínimo | 80,8% | 72,3% | 68,1% |
| Leve | 2,1% | 8,6% | 12,8% |
| Moderado | 4,2% | 6,4% | 4,2% |
| Grave | 4,2% | 8,5% | - |
| Muito grave | 8,5% | 4,2% | 14,8% |

Fonte: Autores (2023)

Pela Tabela 2 percebe-se que um número de participantes apresentou sintomas de depressão, estresse e ansiedade. Alguns trabalhadores mostraram níveis graves ou muito

graves de depressão e estresse, enquanto outros demonstraram algum grau de ansiedade, sendo que uma parcela considerável apresentava grau muito grave.

Tabela 3 – Valores do coeficiente de correlação (r) de Spearman e valores de p para a correlação das variáveis presença de dor nos últimos 12 meses, impedimento das atividades laborais nos últimos 12 meses e o total de sintomas de dor do Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares e a pontuação da escala DASS-21 para as dimensões de Ansiedade e Depressão. Alfenas, MG, Brasil, 2023 (n=47).

| Variáveis | Pontuação segundo a DAAS-21 para Ansiedade r (p) | Pontuação segundo a DAAS-21 para Depressão r (p) |
|--|---|---|
| Nos últimos 12 meses foi impedido de trabalhar por dor alguma das 9 regiões | - | .0354 (0.015) |
| Nos últimos 12 meses consultou algum profissional de saúde por dor alguma das 9 regiões | .0314 (0.032) | - |
| Total de sintomas do questionário nórdico | - | .0288 (.050) |

Fonte: Autores (2023)

A Tabela 3 revela uma correlação positiva entre a pontuação da dimensão depressão da DASS-21 e o impedimento das atividades laborais devido à dor ou formigamento nas regiões anatômicas avaliadas (no último ano). Além disso, também foram

encontradas correlações positivas entre os trabalhadores que buscaram atendimento médico devido à dor ou formigamento, com a dimensão ansiedade, e entre o somatório dos sintomas osteomusculares e a dimensão depressão.

Tabela 4 – Valores do coeficiente de correlação (r) de Spearman e valores de p para as variáveis independentes idade, tempo de serviço e carga horária semanal e a presença de dor nos últimos 12 meses, impedimento das atividades laborais e o somatório do total de sintomas de dor do Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares. Alfenas, MG, Brasil, 2023 (n=47).

| Variáveis | Nos últimos 12 meses teve dor alguma das 9 regiões r (p) | Nos últimos 12 meses foi impedido de trabalhar por dor alguma das 9 regiões r (p) | Total de sintomas do questionário nórdico r (p) |
|------------------------------|---|--|--|
| Idade | - | .0301 (0.040) | - |
| Tempo de serviço | - | .298 (0.042) | - |
| Carga horária semanal | .292 (0.047) | - | .341 (0.019) |

Fonte: Autores (2023)

Ao analisar a Tabela 4, observa-se que houve correlação entre os sintomas osteomusculares com as variáveis idade, tempo de serviço e carga horária semanal. Foi encontrada uma correlação positiva entre a impossibilidade de trabalhar nos últimos 12 meses devido à dor e as variáveis idade e tempo de serviço. Além disso, a carga horária semanal mostrou correlação positiva com a presença de dor nos últimos 12 meses e o somatório total de sintomas osteomusculares por região anatômica.

Na Tabela 5, são apresentadas as associações entre as variáveis independentes e as condições de ansiedade severa ou extrema, estresse severo ou extremo e depressão severa ou extrema. Foi observada associação entre as variáveis nível de escolaridade, conflito familiar, aumento da transpiração, dor de estômago, presença de náuseas e sentimento de solidão com as condições mentais identificadas por meio da escala DASS-21.

Tabela 5 – Associação entre as variáveis independentes: nível de escolaridade do trabalhador, conflito familiar, aumento da transpiração, dor de estômago, presença de náuseas, sentimento de frustração e sentimento de solidão com as variáveis dependentes: ansiedade severa ou extrema, estresse severo ou extremo e depressão severa ou extrema. Alfnas, MG, Brasil, 2023 (n=47).

| Variáveis independentes | Variáveis dependentes | Valor de p |
|--------------------------------------|-----------------------------|------------|
| Nível de escolaridade do trabalhador | Ansiedade Severa ou Extrema | .048* |
| Apresenta Conflito familiar | Depressão Severa ou Extrema | .021* |
| Apresenta Conflito familiar | Estresse Severo ou Extremo | .021* |
| Apresenta Conflito familiar | Ansiedade Severa ou Extrema | .035* |
| Apresenta aumento da transpiração | Estresse Severo ou Extremo | .006* |
| Apresenta dor de estômago | Depressão Severa ou Extrema | .042* |
| Apresenta dor de estômago | Ansiedade Severa ou Extrema | .012* |
| Apresenta Náusea | Depressão Severa ou Extrema | .014* |
| Apresenta Náusea | Ansiedade Severa ou Extrema | .003* |
| Sente-se frustrado | Depressão Severa ou Extrema | .021* |
| Sente-se frustrado | Ansiedade Severa ou Extrema | .042* |
| Sente-se solitário | Depressão Severa ou Extrema | .014* |
| Sente-se solitário | Ansiedade Severa ou Extrema | .029* |

Fonte: Autores (2023)

*Valor de P obtido pelo Teste Exato de Fisher.

Tabela 6 – Avaliação dos parâmetros do modelo de regressão logística binária das variáveis independentes com a pontuação da escala DASS-21 nas dimensões Ansiedade, Depressão e Estresse dos trabalhadores do CC. Alfnas, MG, Brasil, 2023 (n=47).

| Condições de saúde mental e fatores associados | P valor* | OR* | IC (95%)* | | P valor** | OR** | IC (95%)** | |
|--|----------|--------|-----------|---------|-----------|--------|------------|---------|
| | | | Min. | Máx. | | | Min. | Máx. |
| Depressão Severa ou Extrema | | | | | | | | |
| Conflitos familiares | 0,02 | 12.667 | 1.739 | 92.255 | .012 | 12.667 | 1.739 | 92.255 |
| Ansiedade Severa ou Extrema | | | | | | | | |
| Náuseas | 0,03 | 17.500 | 2.647 | 115.685 | .003 | 17.500 | 2.647 | 115.685 |
| Estresse Severo ou Extremo | | | | | | | | |
| Transpiração | 0,06 | 17.778 | 1.835 | 172.219 | .022 | 19.827 | 1.532 | 256.572 |
| Conflitos familiares | 0,021 | 12.667 | 1.739 | 92.255 | .039 | 14.754 | 1.146 | 189.864 |

Fonte: Autores (2023)

*Valores Bruto

OR – Razão de Chance

**Valores ajustados

IC – Intervalo de Confiança

As variáveis conflitos familiares, presença de náuseas e aumento de transpiração permaneceram no modelo final ajustado (Tabela 6). Esses resultados mostraram que os participantes que enfrentavam conflitos familiares tinham cerca de 12 vezes mais chances de apresentar depressão severa ou extrema e 14 vezes mais chances de apresentar estresse severo ou extremo. Aqueles que relataram náuseas tinham aproximadamente 17 vezes mais chances de desenvolver ansiedade severa ou extrema. Por fim, os trabalhadores que relataram aumento de transpiração tinham cerca de 19 vezes mais chances de apresentar estresse severo ou extremo.

4. DISCUSSÃO

Ao analisar o perfil sociodemográfico dos participantes desse estudo, nota-se que a maioria é formada pela equipe de enfermagem e pelo sexo feminino. Essa composição reforça a visão sociocultural que associa a enfermagem a uma profissão predominantemente feminina, uma vez que a mulher ainda é tradicionalmente vinculada à figura da cuidadora materna, mesmo nos dias atuais (Madrid; Glanzner, 2021). Contudo, vale ressaltar que além da equipe de enfermagem, as outras categorias da presente pesquisa, também apresentam percentual significativo de mulheres, evidenciando que as profissionais de saúde estão assumindo posições cada vez mais importantes no mercado de

trabalho e assumindo papéis de liderança (Carvalho et al., 2018).

Quando observada a formação profissional e atuação nesse serviço, tem-se que os participantes apresentam qualificação e experiência, já que mais da metade possui ensino superior e/ou pós-graduação (51,1%) e o tempo médio nesse serviço é de 7 anos. Ressalta-se que esses atributos contribuem para um melhor enfrentamento a situações de estresse que possam surgir na rotina do CC, pois espera-se que com os anos de experiência, as habilidades profissionais, como conhecimento teórico e prático, levem a maior segurança no desempenho das atividades laborais e melhor interação da equipe (Silva; Gomes, Corgozinho, 2021).

Outro elemento relevante a ser considerado é que uma parcela desses trabalhadores (31,9%) informou ter mais de uma ocupação, possivelmente motivado pela realidade salarial predominante, que varia entre um e três salários mínimos (65,9%). Essa evidência pode gerar um aumento nos níveis de desgaste físico e psicológico, especialmente em ambientes fechados como o CC, durante e após o período crítico da pandemia de COVID-19 (Silva; Gomes, Corgozinho, 2021; Pinheiro et al., 2023).

Os profissionais da equipe do CC examinados neste estudo apresentaram uma incidência positiva para a prática de atividades físicas (55,3%). No entanto, a grande maioria

(51,1%) consome bebidas alcoólicas pelo menos uma vez por semana. Acredita-se que a rotina hospitalar pode ser o principal gerador dessa situação, agravada pelo ambiente estressante do CC. Segundo um ensaio teórico de cunho reflexivo, a carga horária excessiva de trabalho e o ambiente hospitalar estressante favorecem a inclinação pelo uso de substâncias psicoativas, como o álcool (Santos et al., 2021). Por outro lado, pesquisa semelhante evidenciou que profissionais de saúde, por estarem cientes dos riscos associados ao uso abusivo de substâncias ilícitas, tendem a evitá-las, contudo, esse mesmo estudo apresentou baixo percentual de praticantes de atividades físicas (Domingues; Silva; Bierhals, 2019).

A porcentagem significativa de trabalhadores com doenças crônicas corrobora com uma investigação realizada em um hospital filantrópico de Pelotas, em que apresenta a crescente tendência dessas comorbidades. Essas, podem estar atreladas a cargas de trabalho exaustivas, que diminuem a disponibilidade de tempo para prática de atividades físicas, lazer, descanso e alimentação saudável (Domingues; Silva; Bierhals, 2019).

Um resultado que merece destaque é a porcentagem de trabalhadores que receberam diagnósticos de ansiedade (12,8%) durante o período crítico da pandemia por COVID-19, o que evidencia esse intervalo de tempo como gatilho para doenças como depressão, transtorno de ansiedade, síndrome de *burnout* e transtorno

do pânico. O medo da doença, naquele momento ainda pouco conhecida, o sofrimento dos pacientes e familiares perante a infecção, as preocupações com parentes, além da falta de suprimentos médicos, colaboraram para o sofrimento psíquico que muitas vezes refletia na saúde física desses profissionais (Teixeira; Soares, Souza, 2020).

Os trabalhadores quando questionados sobre a sobrecarga de trabalho, referiram não se sentirem sobrecarregados, o que contradiz com estudos que apontam o CC como um setor multitarefas de alta complexidade, em que as atividades podem ser tanto eletivas quanto de urgência, o que aumenta o estresse da equipe como também sobrecarga de trabalho (Rizzi et al., 2018; Silva et al., 2022).

Para avaliar os riscos à saúde da equipe de enfermagem no CC, estudo aponta danos psicológicos e sociais como sendo de baixo risco, em comparação com os danos físicos que são de médio risco (Mello; Rodrigues; Glanzner, 2023). Já a presente análise, observou porcentagens relevantes para sentimento de solidão e frustração, bem como esquecimento, dificuldades para dormir e conflitos familiares, o que evidencia um maior risco para danos psicológicos.

As regiões anatômicas mencionadas pelos participantes como fonte de dor (Tabela 1) estão em consonância com estudos prévios que as identificam como as mais propensas à ocorrência de distúrbios osteomusculares

(regiões superiores e inferiores das costas, mãos e punhos e joelhos) (Quevedo et al., 2019; Cardoso et al., 2022; Schultz et al., 2021; Mello, Rodrigues, Glanzner, 2023). Assim, a dor mencionada nas regiões específicas do questionário nórdico, podem indicar uma tendência para distúrbios osteomusculares causados por posturas inadequadas, ergonomia deficiente e longos períodos em pé ou caminhando, entre profissionais da equipe do CC (Schultz et al., 2021).

No Rio Grande do Norte foi realizado um estudo, no qual participaram 490 profissionais, sendo eles 59,6% enfermeiros e 40,6% técnicos de enfermagem, no qual evidenciou que dos 30,4% respondentes, 39,6% apresentaram sintomas de ansiedade moderadamente severa ou severa e 38% apresentaram sintomas de depressão moderadamente severa ou severa (Santos et al., 2021). Outra análise, identificou-se que dos 104 participantes da pesquisa, 48% apresentaram algum sinal de depressão, 52% algum sinal de estresse e 52% sintomas de ansiedade. Percebe-se que a presente pesquisa apresentou taxas inferiores (Tabela 2) comparada às duas pesquisas citadas acima, o que pode estar atribuído ao período em que foram realizadas, visto que em junho de 2020 encontrava-se o período crítico da pandemia por COVID-19 (Maier et al., 2022).

A partir dos resultados da Tabela 3, houve associação positiva entre dores osteomusculares e presença de sintomas

depressivos nos trabalhadores do CC. Em concordância, uma pesquisa realizada em 2017, em que tinha como objetivo descrever a prevalência de DORT e analisar os fatores associados, evidenciou que indivíduos que apresentavam depressão possuíam maiores chances de desenvolverem DORT (Assunção; Abreu, 2017).

Já em relação ao estresse, o presente estudo não evidenciou associação significativa com a presença de dores osteomusculares. Contrariando os resultados obtidos nesta pesquisa, uma investigação, com a finalidade de buscar a associação entre o estresse percebido e a presença de sintomas osteomusculares entre servidores públicos no sul do país, constatou que quanto maior o estresse percebido, maior a prevalência de sintomas osteomusculares. (Almeida et al., 2018).

Ao examinar a associação presente na Tabela 4, nota-se que a cada ano adicional de idade do trabalhador, há um aumento proporcional na probabilidade de ser impedido de trabalhar devido à dor ou formigamento. Similarmente, ocorre para o tempo de serviço, para cada ano adicional trabalhado aumentam-se as chances de o trabalhador ser impedido de exercer as atividades laborais. Ademais, investigação análoga, também apontou para uma correlação positiva entre a idade dos participantes e a ocorrência de dor (Quevedo et al., 2019).

Com relação à carga horária de trabalho, estudo concluiu que quanto mais extensa for a jornada de trabalho, incluindo a possibilidade de ter múltiplos empregos, realizar horas extras e trabalhar plantões dobrados, tais fatores irão contribuir para o desenvolvimento de dores e lesões osteomusculares entre os trabalhadores (Cardoso et al., 2022; Schultz et al., 2021). Essa conclusão vai ao encontro com a associação encontrada entre os participantes desta pesquisa.

A partir dos resultados obtidos na Tabela 6, percebeu-se a associação entre conflitos familiares e o desenvolvimento de sintomas depressivos e estresse nos trabalhadores do CC. A partir dos resultados obtidos, percebeu-se a associação entre conflitos familiares e o desenvolvimento de sintomas depressivos nos trabalhadores do CC. Há pesquisas que demonstram a influência da família conflituosa no desenvolvimento de sintomas depressivos e estresse no indivíduo, sendo esses intensificados pela demanda do trabalho, concluindo que apoio familiar e menores níveis de conflitos e violências são fatores de proteção para o desenvolvimento de sintomas psicopatológicos (Nunez 2018; Ribeiro 2022).

Também houve uma associação entre náuseas e sintomas de ansiedade nos trabalhadores, porém, a partir das variáveis, evidenciou-se a náusea como um causador de ansiedade. É de se esperar, visto que indivíduos que possuem transtorno de ansiedade

apresentam sintomas somáticos, devido à liberação de catecolaminas na corrente sanguínea (DSM-V, 2014). Outra associação esperada foi entre estresse e aumento da transpiração. Sabe-se que ao entrar em contato com uma fonte estressora, ativa mecanismos fisiológicos que induzem a liberação de hormônios e podem causar sudorese (Silva et al., 2018).

Embora a prevalência de estresse, ansiedade e depressão nos trabalhadores do CC esteja inferior às taxas encontradas na literatura, ainda ressalta-se a importância de conscientização sobre a saúde mental dos colaboradores. Há estudos que associam os transtornos mentais ao desenvolvimento de doenças crônicas, como: hipertensão arterial, hiperglicemia, câncer e entre outras, podendo influenciar na qualidade do trabalho (Souto, 2020).

É importante ressaltar que este estudo apresenta algumas limitações, como o tamanho restrito da amostra, embora tenha incluído todos os colaboradores que aceitaram participar. Além disso, observou-se uma escassez de estudos atualizados que abarcam de forma ampla a saúde mental e física de todos os colaboradores que atuam no CC, e não apenas de uma classe profissional específica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou avaliar a saúde física e mental dos trabalhadores do CC no final

da pandemia por COVID-19. Percebeu-se a prevalência de mulheres e técnicos de enfermagem, adesão a atividades físicas e consumo de bebidas alcoólicas ao menos uma vez na semana. Em relação à saúde física, foi observado predominância de dores na parte superior das costas, punhos/mãos e joelhos. Já à saúde mental, o índice de algum grau de ansiedade prevaleceu em relação aos outros sintomas.

Observou-se associação entre sintomas osteomusculares com sinais de depressão, podendo concluir que fatores físicos podem estar associados aos mentais. Também pôde-se correlacionar idade, tempo de serviço e carga horária semanal com o desenvolvimento de dores osteomusculares e impedimento no trabalho. Por fim, outra associação importante foi entre conflitos familiares e sintomas de depressão e estresse, compreendendo que a desestruturação familiar pode influenciar na saúde mental do indivíduo.

Portanto, é evidente a relevância deste estudo para o avanço do conhecimento sobre a saúde dos trabalhadores do CC, em especial, após a fase crítica da pandemia. Espera-se que esses resultados possam contribuir para pesquisas futuras e aprimoramento das informações disponíveis sobre o tema. Assim, é imprescindível que futuras pesquisas abranjam todo o grupo de trabalhadores e aprofundem ainda mais a compreensão sobre os impactos da

saúde mental nas consequências físicas e vice-versa nesse ambiente profissional.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L. M. S.; DUMITH, S. C. Associação entre sintomas osteomusculares e estresse percebido em servidores públicos de uma Universidade Federal do Sul do Brasil. **Brazilian Journal of Pain**, São Paulo, v. 1, n. 1, jan 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/2595-0118.20180004>. Acesso em: 31 maio 2023.

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 221-223

ASSUNÇÃO, A. A.; ABREU, M. N. S. Fatores associados a distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho autorreferidos em adultos brasileiros. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 51, jun. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2017051000282>. Acesso em: 31 maio 2023.

BARROS, E. N. C.; ALEXANDRE, N. M. C. Cross-cultural adaptation of the Nordic musculoskeletal questionnaire. **International Nursing Review**, Genebra, v. 50, n. 2, p. 101*-108, 29 abr. 2003 Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1046/j.1466-7657.2003.00188.x>. Acesso em: 20 set. 2022.

BEZERRA, G. D.; SENA, A. S. R. de; BRAGA, S. T.; SANTOS, M. E. N. dos; CORREIA, L. F. R.; CLEMENTINO, K. M. de F.; CARNEIRO, Y. V. A.; PINHEIRO, W. R. O impacto da pandemia por COVID-19 na saúde mental dos profissionais de saúde: revisão integrativa.

Revista Enfermagem Atual In Derme, Rio de Janeiro, v. 93, p. e-020012, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31011/reaid-2020-v.93-n.0-art.758>. Acesso em: 17 set. 2022.

CARDOSO, A. C. A.; FARIA, A. L. M.; REIS, F. T. B.; GOMES JÚNIOR, S De S.; GUERRA, H. S. Prevalência e fatores associados à dor musculoesquelética em trabalhadores da enfermagem. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 46, n. 3, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22278/2318-2660.2022.v46.n3.a3713>. Acesso em: 28 maio 23.

CARVALHO, A. de M. B.; CARDOSO, J. A.; SILVA, F. A. A. da; LIRA, J. A. C.; CARVALHO, S. M. Qualidade de vida no trabalho da equipe de enfermagem do centro cirúrgico. **Revista Enfermagem em Foco**, Brasília, v.9, n. 3, p. 35-41, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2018.v9.n3.1159>. Acesso em: 17 set. 2022.

CHIAVONE, F. B. T; GOMES, A. T. de L.; RODRIGUES, C. C. F. M.; FERREIRA, L.de L.; SALVADOR, P. T. C. de O.; SANTOS, V. E. P. Níveis de estresse da equipe de enfermagem do centro cirúrgico: estudo transversal. **Online Brazilian Journal of Nursing**, Niterói, v. 17, n. 1, p. 87-96, mar. 2019. Disponível em: <https://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/5902/pdf>. DOI: <https://doi.org/10.17665/1676-4285.20185902>. Acesso em 17 set. 2022.

DOMINGUES, G. J.; SILVA, C Da B. B; BIERHALS, O. I. Doenças crônicas não transmissíveis em profissionais de enfermagem de um hospital filantrópico no Sul do Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 28, n. e 2018298, 2019. Disponível em: [49742019000200011. Acesso em: 27 maio 2023.](https://doi.org/10.5123/S1679-</p></div><div data-bbox=)

GOMES, E. T.; ASSUNÇÃO, M. C. T.; GALVÃO, M. C. B.; OLIVEIRA, J. A. do N.; FERRAZ, C. S. B.; MORAES, P. G. dos S.; SOUZA, C. R. A. de; SILVA, M. F. da. Preparação de um centro cirúrgico do nordeste do Brasil para cirurgias durante a pandemia da COVID-19. **Revista SOBECC**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 116-121, jun 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5327/Z1414-4425202100020008>. Acesso em: 17 set. 2022.

HOFFMANN, D. A.; GLANZNER, C. H. Fatores que interferem na saúde do trabalhador de enfermagem do centro cirúrgico. **Revista Cubana de Enfermería**. Havana, v. 35, n. 4, e3020, dez. 2019. Disponível em: <http://www.revenfermeria.sld.cu/index.php/enf/article/view/3020/507>. ISSN 1561-2961 Acesso em: 17 set. 2022.

MADRID, B. P; GLANZNER, C. H. O trabalho da equipe de enfermagem no centro cirúrgico e os danos relacionados à saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, e. 20200087, nov. 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/rngenf/articloe/view/120309>. Acesso em: 17 set. 2022.

MAIER, M. R; KANUNFRE, C. C. Impacto na saúde mental e qualidade do sono de profissionais da enfermagem durante pandemia da COVID-19. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 29, mar. 2022. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-35522021000100377#B21. Acesso em: 27 maio 2023.

MELLO, T. M.; RODRIGUES, L. L. B.; GLANZNER, C. H. Trabalho da equipe de enfermagem do bloco cirúrgico: riscos de danos

à saúde. **Revista SOBECC**, São Paulo, v. 28, 2023. Disponível em:

<https://revista.sobecc.org.br/sobecc/article/view/848>. Acesso em: 27 maio. 2023.

NUNEZ-PUMARIEGA, Y.; DAL CASTEL-SCHLINDW, V. de L.; VITÓRIA CALHEIROS, P. R.; PUMARIEGA-TORRES, C. D. "Envelheci no trabalho de tanto estresse": um estudo de caso sobre estresse e sobrecarga no trabalho. *Rev. Olimpia*, v. 15, n. 47, 2018. Disponível em: (link unavailable). Acesso em: 7 jul. 2023.

OPAS/OMS. Organização Pan-Americana da Saúde. Histórico da pandemia de COVID-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 17 set. 2022.

PINHEIRO, J. M. G; MACEDO, A. B. T.; ANTONIOLLI, L.; VEGA, E. A. U.; TAVARES, J. P.; SOUZA, S. B. C. Qualidade de vida profissional e estresse ocupacional em trabalhadores de enfermagem durante pandemia por COVID-19. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 44, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rgenf/article/view/129323>. Acesso em: 27 maio. 2023.

PRETTO, C. R.; MORAIS, K. C. P. de; MENDES, V. C.; PAIVA, A. L.; SILVA, R. M. da; BECK, C. L. C. Impacto da covid-19 no bem-estar físico de profissionais de enfermagem e médicos: revisão integrativa. **Aquichan**, Chía, v. 22, n. 2, p. e2225, ago. 2022. Disponível em: <https://aquichan.unisabana.edu.co/index.php/aquichan/article/view/16533>. DOI: <https://doi.org/10.5294/aqui.2022.22.2.5>. Acesso em: 17 set. 2022.

QUEVEDO, V. S. de; MOTTER, A. A.; BAYERL, R.; MIRANDA, F. C.; CHOMEM, P.; LEGEY, A. L. C. Riscos ergonômicos e biomecânicos ocupacionais no transporte de pacientes no centro cirúrgico: pesquisa quali-quantitativa de estudo transversal. **Revista**

Pesquisa em Fisioterapia, Salvador, v. 9, n. 4, p. 505–516, 2019. DOI: 10.17267/2238-2704rpf.v9i4.2580. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/fisioterapia/article/view/2580>. Acesso em: 28 maio. 2023.

RIBEIRO, N. S. N.; ALVES, S. F. S. Interações familiares conflituosas e seus efeitos no desenvolvimento da depressão. *RSD*, v. 11, n. 16, 2022. Disponível em: (link unavailable). Acesso em: 7 jul. 2023.

RIZZI, D. S.; RIBEIRO, R. P.; MARTINS, J. T.; JACQUES, J. P. B.; SCHMIDT, D. R. C.; RIBEIRO, P. H. V. Sentimentos dos trabalhadores de enfermagem cuidados em uma sala de bem-estar. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v. 17, n. 1, 20 abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/24246>. DOI: 10.4025/cienccuidsaude.v17i1.24246. Acesso em: 17 set. 2022.

SANTOS, K. M. R.; GALVÃO, M. H. R.; GOMES, S. M.; SOUZA, T. A.; MEDEIROS, A. A.; BARBOSA, I. R. Depressão e ansiedade em profissionais de enfermagem durante a pandemia da covid-19. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 25, fev. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2020-0370>. Acesso em: 27 maio 2023.

SANTOS, R.; SOUZA, M. O. S.; TONOLE, R.; CARDOSO, F. S. C. T.; CHANÇA, D. R.; PASSOS, J. P. Impactos do uso de bebidas alcoólicas por profissionais de enfermagem e a relação com o trabalho: uma reflexão teórica. **Research, Society and Development**, Itajubá, v. 10, n. 16, e61101623147, 2021. Disponível em: <https://ninho.inca.gov.br/jspui/handle/123456789/13836.pdf>. Acesso em: 27 maio 2023.

Schultz CC, Freitas MB de, Vercelino L, Treviso P, Colet CF, Stumm EMF. Trabalhadores de enfermagem que atuam em centro cirúrgico sentem dor musculoesquelética. *Rev SOBECC* [Internet]. 2021. [acesso em 2022 Set. 17];26(4). Disponível em: <https://revista.sobecc.org.br/sobecc/article/view/700/722>.

SILVA, M. P. da; LUCENA, J. G. S. de; ALBUQUERQUE, A. M. de; ABRANTES, M. S. de A. P. Procedimentos cirúrgicos na pandemia de COVID-19: revisão integrativa. *Revista SOBECC*, São Paulo, v. 27, e. 2227746, jun. 2022. Disponível em: <https://revista.sobecc.org.br/sobecc/article/view/746/732>. DOI: <https://doi.org/10.5327/Z1414-44252022270746>. Acesso em: 17 set. 2022.

SILVA, R. M.; GOULART C. T; GUIDO, L. A. Evolução histórica do conceito de estresse. *Revista de Divulgação Científica Sena Aires*, Goiás, v. 7, n. 2, 2018. Disponível em: <http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/viewFile/316/225>. Acesso em: 01 jun. 2023.

SILVA, T. L. da; GOMES, J. R. de A. A.; CORGOZINHO, M. M. Nível de estresse entre profissionais de enfermagem em um centro cirúrgico. *Revista SOBECC*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 71–76, jun. 2021. Disponível em: <https://revista.sobecc.org.br/sobecc/article/view/667>. DOI: 10.5327/Z1414-4425202100020002. Acesso em: 17 set. 2022.

SOUTO, C. N. Qualidade de vida e doenças crônicas: possíveis relações. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 3, n. 4, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n4-077>. Acesso em: 01 jun. 2023.

TEIXEIRA, C. F De S.; SOARES, C. M.; SOUZA, E. A. A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 9, p. 3465-3474, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742019000200011>. Acesso em: 27 maio 2023.

VIGNOLA, R. C. B; TUCCI, A. M. Escala de depressão, ansiedade e estresse (DASS): Adaptação e validação para o português do Brasil. *Revista Transtornos Afetivos*, São Paulo, v. 155, p. 104-109, fev. 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165032713007738>. Acesso em: 22 set. 2022.